

## 445 anos de indústria brasileira

A crônica de uma revolução que construiu um dos dez maiores parques fabris do ranking mundial, dando alicerce para um ciclo de desenvolvimento que irá preparar o país para a globalização da economia neste fim de século.

(Extraído da Revista CNI, março/abril de 1995).

- 1500 - 1880 A Revolução Adiada

- 1500 - O Brasil produz apenas açúcar: 180 mil arrobas anuais, saídas de 16 engenhos. Colônia deficitária com 17 mil habitantes, perdida na imensidão do Atlântico, é um peão no jogo do poder entre Portugal e Espanha pelos domínios do mar. A Inglaterra, obscuro país de criadores de ovelhas, semidestruída pela guerra civil, embora ainda não sonhasse com a Revolução Industrial, estava a um passo da idade moderna, sob a liderança pacificadora dos Tudor e o incentivo dos capitais de judeus fugidos da Inquisição espanhola.

- 1587 - Um empreendedor paulista, Afonso Sardinha, instala uma fundição na área de Sorocaba, São Paulo. Meio século na frente dos pioneiros norte-americanos, transforma o ferro em anzóis, facas e ferramentas para agricultura, produtos de excelente qualidade.

- 1740 - O apogeu do ciclo do ouro e do açúcar semeia as primeiras plantações de algodão. As fundições se multiplicam e, em torno dos engenhos, brotam as primeiras tecelagens, que fabricam roupas para os escravos.

- 1776 - A metrópole assesta violento golpe contra a indústria nascente, com a proibição das fundições e da lapidação de ouro. A justificativa raiava o absurdo: faltavam braços para a lavoura.

- 1785 - Os ingleses se tornam os novos senhores do mundo e impõem o Mercantilismo, tendo na retaguarda a abundante produção do seu parque fabril, e na vanguarda, os canhões da sua armada. Portugal estende o tapete vermelho para os novos senhores do mundo. D. Maria I, a Louca, de

um de pena, proíbe a existência de fábricas no Brasil, escancarando as portas do País para as manufaturas made in England. A Colônia passa a produzir só açúcar e ouro.

- 1808 - Dom João VI instala a corte no Rio de Janeiro, tangido de Lisboa pelas tropas de Napoleão. A indústria ganha sinal verde e passa a merecer estímulos e crédito.

- 1810 - A lua-de-mel da Coroa com a produção industrial dura pouco. Exatamente o tempo que os ingleses levaram para mandar emissários pressionando em defesa do livre comércio. D. João VI volta atrás e escancara os portos: os ingleses inundam o País de manufaturas pagando taxas bem inferiores aos produtos portugueses.

- 1822 - O povo dança nas ruas em comemoração a Independência, mas a Revolução Industrial permanece adiada: para atender à demanda de bens, num País com 4,5 milhões de habitantes, mais 1 milhão de escravos e 800 índios, D. João VI estende o sistema de livre cambismo aos países mais adiantados da Europa.

- 1848 - O Barão de Mauá, Irineu Evangelista de Souza, inaugura a Fundição Ponta de Areia. Mil operários transformam ferro e bronze em tampões de ferro, tubos para encanamento de gás e constróem 72 navios. O empreendimento foi à pique por culpa da coroa: fez vultuosas encomendas, mas esqueceu de pagar a conta, instituindo uma prática que, mais tarde, viria fazer parte dos usos e costumes da República.

- 1850 - O País vive um clima de investimentos produtivos que lembra a Inglaterra e os Estados Unidos. Com a proibição do tráfico negreiro, o dinheiro que financiava o vaivém de navios abarrotados de escravos é canalizado para a expansão da indústria têxtil, o parque gráfico, a modernização dos engenhos e da metalurgia. Mas a distância em relação aos países ricos já é bem considerável: na Europa, as colheitadeiras substituíam 150 homens, com um ganho de produtividade simplesmente impensável para os produtos rurais brasileiros.

- 1861 - Um imigrante suíço, Herman Thedor Ludgren, inaugura uma fábrica revolucionária: a Elefante, que produzia pólvora, em Cabo,

Pernambuco. Lundgren, que começou a vida como intérprete no porto de Recife, viria a se tornar um industrial de grande sucesso.

- 1880 - Nasce o grupo Hering, em Blumenau, Santa Catarina. O pioneiro Herman Hering entrou no ramo têxtil com apenas um tear circular de madeira manual e um caixote de fios de algodão.

- 1890 - 1929 A Era dos Pioneiros

- 1890 - Se o tema fosse desenvolvimento industrial, Rui Barbosa, ministro da Fazenda, não media previsões otimistas. Não dava muita importância à escassa taxa de poupança nacional, nem à péssima forma das contas do Tesouro. Partia do princípio de que bastava um pequeno empurrão para as linhas de produção florescerem. Fez a reforma bancária monetária para liberar o crédito e incentivar a importação de máquinas. Teve dores de cabeça com a inflação, mas fez a indústria crescer.

- 1891 - Empresários do Rio de Janeiro criam a Associação Industrial. Inspirados nas idéias republicanas, lançam um documento que é nitroglicerina pura: acusam os agraristas de quererem transformara o País "num imenso cafezal" e os países desenvolvidos de "nos manter subdesenvolvidos e consumidores de suas oficinas".

- 1910 - O império de Francisco Matarazzo desponta como sinal dos novos tempos. Uma fábrica de banha, moinho, fiação, tecelagem e uma rede de casas comerciais transformariam Matarazzo no homem mais rico do País, dono de uma fortuna de 500 contos de réis e 86 fábricas, onde trabalhavam 15 mil operários.

- 1914 - A I Grande Guerra impulsiona a indústria de bens de consumo.

- 1924 - A produção industrial brasileira, rotulada de cara, perde terreno para os produtos importados. Reforça-se a crença nas vantagens comparativas da agricultura. Mas a indústria continua conquistando posições: começavam a se desenhar fábricas de alimentos, pequenas indústrias mecânicas e metalúrgicas. São Paulo tomava a dianteira, com 33% da produção nacional, à época liderada pela indústria de alimentos (40,2%) e têxtil (27,6%).

- 1928 - Em meio à guerra entre industrialistas e agraristas, o industrial Roberto Simonsen e o conde Francisco Matarazzo brigam com os conservadores e saem da Associação Industrial para fundar em 1º de julho o Centro das Indústrias de São Paulo, rebatizado em 1931 como Fiesp - Federação das Indústrias de São Paulo. No seu discurso de posse, Simonsen bateu duro nos agraristas que "não conseguem enxergar que no estágio atual da civilização não se alcança independência econômica de uma nação sem uma industrialização com base sólida".

- 1930 - 1963 O Ciclo da Industrialização

- 1930 - Getúlio Vargas, líder da Revolução vitorioso, não mede esforços para salvar a economia cafeeira: compra e manda queimar 57 milhões de sacas de café, que vive dias amargos desde o crack da Bolsa de Nova Iorque, um ano antes. Mas a economia cresce a taxas superiores a 10% devido à estratégia de substituir produtos importados para equilibrar a balança comercial.

**\*\* 1930 \*\* - Criada a Confederação Nacional da Indústria, que sucede a diversas outras entidades surgidas desde o Império. A CNI é, ao mesmo tempo, depositária do pensamento histórico industrial, agente renovador da ação sindical patronal brasileira e estimuladora da modernização empresarial.**

- 1940 - Vargas, que em 1937 tinha rompido com os liberais e instaurado o Estado Novo, cria o salário mínimo em 1º de maio.

- 1941 - Vargas alinha-se aos países aliados contra os países do eixo. Em troca da participação do Brasil na II Grande Guerra, ganha dos EUA os créditos para construir a Usina Siderúrgica Nacional.

- 1945 - Fim da guerra. Vargas deposto. O acordo de Bretton Woods acena com um longo ciclo de prosperidade para o mundo industrializado. A indústria brasileira reúne, além da CSN, às vésperas de ser inaugurada, a

Cia. Vale do Rio Doce, a Fábrica Nacional de Motores, a Fábrica Nacional de Álcalis, a Acesita e a Cia. Hidrelétrica de Paulo Afonso.

- 1950 - O censo registra que a indústria cresceu 86,4% em relação à década de 40. Setores como material elétrico, alimentos, metalurgia cresceram até 188%, no mesmo período.

- 1951 - Ele presidente pelo voto direto, Vargas volta ao Poder, desta vez apoiado pelos industrialistas. Esquentam os motores da indústria automobilística.

- 1952 - Cria-se o BNDE, hoje com o S de Social, um superbanco voltado para o financiamento da indústria nacional e da infra-estrutura.

- 1953 - A campanha "O petróleo é nosso" empolga multidões nacionalistas. A Lei 2.004 institui a Petrobrás e o monopólio estatal. A participação da indústria no PIB salta de 17% para 24%.

- 1956 - Juscelino Kubitschek assume a Presidência com a plataforma de 50 anos em cinco. Incentiva a vinda do capital estrangeiro para o País e, ao mesmo tempo, apóia o capital nacional. A meta: produzir e nacionalizar.

- 1959 - No dia 7 de janeiro sai da linha de montagem da Volkswagen o primeiro Fusca produzido no País. JK nega-se a sacrificar o plano de metas para combater a inflação e rompe com o FMI. O Nordeste ganha uma promissora alavanca da industrialização: a Sudene.

- 1964 - 1995 Expansão, crise e modernização

- 1964 - Abre-se nova etapa de desenvolvimento industrial, alicerçada em incentivos fiscais e empréstimos externos. O País se transforma no maior pólo de investimentos internacionais da América Latina.

- 1969 - O País voa nas asas da Embraer, empresa estatal que produz os primeiros aviões brasileiros.

- 1973 - A Fiat se instala em Betim, Minas Gerais.

- 1974 - Com o II PND, a indústria que estava direcionada para os bens de consumo, dá uma guinada rumo aos setores de base. Gigantes estatais como

Petrobrás, Siderbrás, Eletrobrás, Embratel e Vale do Rio Doce serão os motores do novo ciclo de investimentos, movimentando capitais que desafiam a gravidade.

- 1982 - Conseqüência do choque dos juros da dívida externa, a recessão atinge as fábricas. O PIB industrial cai 8,7%. A ociosidade das linhas de produção, em muitos casos, atinge 70%. Inicia-se um longo período de transição e modernização.

- 1984 - A reserva de mercado de informática é determinada pela Lei 7.232, aprovada no Congresso Nacional.

- 1986 - O Plano Cruzado tira a produção industrial do vermelho e esquentas as linhas de produção. Mas a trégua dura pouco: no ano seguinte, a recessão volta a fustigar a indústria.

- 1990 - O governo Collor inicia a abertura econômica. A política de substituição de importações cede lugar à integração competitiva.

- 1991 - A venda da Usininas dá o pontapé inicial no programa de privatizações que tirou o Estado do comando dos setores siderúrgico e petroquímico.

- 1992 - A indústria emite sinais de recuperação. Atinge o ponto mais alto de crescimento de produtividade desde 1975: 11% por hora trabalhada.

- 1994 - Iniciativas como o fim da reserva de informática, desregulamentação da economia a liberdade para importação da economia e a liberdade para importação de programas de computador faz renascer o interesse pelos investimentos internacionais na produção industrial no Brasil, visando ao Mercosul e à América Latina.

- 1995 - Confiantes no ambiente de estabilização, a indústria se prepara para um novo ciclo de investimentos e para ampliação da capacidade produtiva. No plano político, a indústria posiciona-se em defesa das reformas macroeconômicas e de uma política industrial que dê suporte ao desenvolvimento auto-sustentado.